



Movimentos Estudantis



Os movimentos estudantis têm uma longa história de luta e engajamento social, com o objetivo de buscar melhorias na educação e na sociedade como um todo. Esses movimentos são marcados pela mobilização dos estudantes em defesa de seus direitos, reivindicando mudanças e promovendo debates acerca de temas relevantes.

No Brasil, existem diversas entidades estudantis que representam os estudantes de diferentes níveis de ensino, como o ensino médio, técnico e superior. A União Nacional dos Estudantes (UNE) (Figura I a esquerda) é uma das principais organizações estudantis do país, representando estudantes do ensino superior. Além da UNE, existem também outras entidades, como a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) (Figura II a direita) e a Associação Nacional de Pós-Graduandos (ANPG) (Figura III a seguir), que representam estudantes do ensino médio e pós-graduação, respectivamente.



Os movimentos estudantis brasileiros têm uma longa história de participação política e mobilização social. Durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985), os estudantes desempenharam um papel importante na resistência e na luta pela democracia. A UNE e outras organizações estudantis foram perseguidas e tiveram suas atividades reprimidas durante esse período.

A Revolta dos Pinguins

Uma das manifestações estudantis mais conhecidas na América Latina foi a chamada "Revolta dos Pinguins", que ocorreu em 2006, no Chile, mas teve reflexos também no Brasil. Esse movimento recebeu esse nome devido ao uniforme escolar utilizado pelos estudantes chilenos, que era semelhante ao traje preto e branco dos pinguins.

A Revolta dos Pinguins teve início como um protesto contra o aumento no valor do transporte público em Santiago, no Chile. Os estudantes secundaristas organizaram-se em massa para reivindicar a redução da tarifa. Esta havia sido a maior onda de mobilização estudantil desde o fim da ditadura do general Augusto Pinochet (1973-1990) no Chile e ocupações desde o governo de Salvador Allende. Logo após a primeira ocupação acontecer outras dezenas à seguiram, resultando em mais de uma centena de escolas ocupadas em todo o



Chile. Organizações sindicais, sociais e universitárias se colocaram prontamente em apoio.

No Brasil, a Revolta dos Pinguins também inspirou estudantes a se mobilizarem em suas próprias escolas e universidades, ampliando o debate sobre a qualidade da educação, a estrutura das instituições de ensino e a participação dos estudantes nas decisões que afetam sua formação. Os jovens brasileiros viram naquele movimento uma oportunidade de expressar suas insatisfações e buscar mudanças significativas.



Esse período ficou marcado por grandes mobilizações estudantis em diversas regiões do país. As escolas foram ocupadas, manifestações foram realizadas e debates acalorados aconteceram em assembleias estudantis. Os estudantes exigiam mais investimentos na educação, a melhoria das

condições de infraestrutura nas escolas, a valorização dos professores, a inclusão de novas disciplinas nos currículos, entre outras demandas.

No Brasil ocorreram grandes protestos estudantis, em 2013 foram desencadeados inicialmente por um aumento nas tarifas de transporte público em diversas cidades brasileiras. No entanto, as manifestações rapidamente ganharam força e se tornaram um movimento mais amplo, abordando uma série de questões, como a insatisfação com a qualidade dos serviços públicos, a corrupção, os gastos excessivos com a Copa do Mundo de 2014 e a falta de representatividade política. O que levou a protestos em 2015 que foram predominantemente motivados pela insatisfação com o governo da então presidente Dilma Rousseff, que enfrentava uma crise política e econômica no país. As manifestações foram impulsionadas por denúncias de corrupção envolvendo altos funcionários do governo e estatais, especialmente no contexto da Operação Lava Jato. A oposição ao governo através de grupos organizados utilizaram-se dos protestos estudantis para levantar uma bandeira em que o problema do país estava na então Presidente Dilma Rousseff. Os protestos foram caracterizados por uma polarização política mais evidente, com grupos pró e contra o governo se enfrentando nas ruas.

Já os protestos de 2016 foram marcados pelo agravamento da crise política e econômica no Brasil. Após uma série de revelações e acusações de corrupção, a presidente Dilma Rousseff enfrentou um processo de impeachment, culminando em sua destituição em agosto de 2016. Durante esse período, houve manifestações tanto em apoio ao impeachment quanto em defesa do governo, com pessoas expressando suas opiniões sobre a situação política do país. Além disso, houve também protestos contra as medidas de austeridade fiscal propostas pelo governo interino de Michel Temer, que assumiu a presidência após o impeachment de Dilma Rousseff.

A Revolta dos Pinguins, tanto no Chile quanto no Brasil, evidenciou o poder da juventude organizada e sua capacidade de influenciar a agenda política. Os movimentos estudantis têm sido importantes agentes de transformação social, lutando por uma educação mais acessível, inclusiva e de qualidade.

Apesar dos desafios enfrentados pelos estudantes e das adversidades políticas, os movimentos estudantis no Brasil continuam a existir e a se reinventar, adaptando-se às novas

realidades e demandas. A busca por uma educação justa e igualitária permanece como uma bandeira levantada pelos jovens, que encontram nas mobilizações e na união a força necessária para conquistar suas reivindicações e construir um futuro melhor.

Texto adaptado de: AVEC, Daniel. Isso aqui virou ou já superou o Chile? Mais de 1000 ocupações pelo país, **Esquerda Diário**, 2016. Disponível em:
<https://www.esquerdadiario.com.br/Isso-aqui-virou-ou-ja-superou-o-Chile-Mais-de-1000-ocupacoes-pelo-pais?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=Newsletter>
Acesso em: 25 de Maio de 2023.